

A GRAMÁTICA GERATIVA E O INTERNO DA LÍNGUA

Ricardo Francisco Nogueira VILARINHO¹

Linguista, mestre em Estudos Linguísticos – ILEEL-UFU
Doutorando em Língua Portuguesa – PUC-SP

RESUMO: Este trabalho pretende refletir sobre a fundação da Gramática Gerativa por meio da perspectiva polarizada citada por Henry (1992). Definimos três momentos pelos quais passaremos, a saber: o lançamento de *Syntactic Structures*, de *Aspects of the theory of syntax* e a Teoria-Padrão e a fundação da Teoria de Princípios e Parâmetros. Iniciamos pensando na possível relação existente entre o estruturalismo e o gerativismo, e, principalmente, estabelecendo um lugar para a Gramática Gerativa em um eixo que vai do interno ao externo. Ao final, pudemos concluir que a tal gramática possui características que a localizam em um polo interno de um eixo. Interno que ora é representado pela definição de falante, ora pela homogeneidade e ora pelo forte biologismo/psicologismo presentes nos momentos destacados da Gramática Gerativa.

Palavras-chave: Gramática gerativa. Filosofia da linguística. Interno da língua.

Introdução

Este artigo visa a refletir sobre a fundação de uma teoria que revolucionou o pensar linguístico na década de 50 e até hoje tem uma produção científica consistente no meio científico, a Gramática Gerativa, doravante GG. Centraremos na visão de seu criador, Noam Chomsky, de Raposo (1992) e de Mioto, Silva e Lopes (2000).

Definimos, para este trabalho, três momentos importantes da obra de Chomsky pelos quais passaremos. Esses momentos estão marcados por duas obras em especial e a fundação de uma teoria dentro da GG, a saber: o lançamento de *Syntactic Structures*, de *Aspects of the theory of syntax* e a Teoria-Padrão e a fundação da Teoria de Princípios e Parâmetros.

Iniciamos pensando na possível relação existente entre o estruturalismo e o gerativismo, buscando as inovações que a fundação da GG fez surgir na Linguística e, principalmente, estabelecendo um lugar em um eixo que vai do interno ao externo, sendo esse conceito extraído das observações de Henry (1992, p. 113): “[...] observa-se que a linguística emergiu numa conjuntura científica e ideológica cujos eixos podem ser descritos” (grifo nosso). Os eixos citados por Henry (1992), interno/externo, juntos norteiam este artigo. Para estabelecer a comparação entre o estruturalismo e o gerativismo, estaremos centrados, principalmente, na visão de Faraco (2005). Como guia de nosso estudo escolhemos Borges Neto e seu texto “O

¹ Endereço eletrônico: nogueiravilarinho@gmail.com

empreendimento gerativo”, pois reconhecemos nesse trabalho um caminho de leitura eficaz. Consideraremos nesse estudo a divisão proposta por Borges Neto (2003), o período da publicação de *The logical structure of linguistic theory* (1955) e *Syntactic structures* (1957), *Aspects of the theory of syntax* (1965) e a Teoria-Padrão e Princípios e Parâmetros, cristalizada a partir de 1980.

É em *Aspects* que visualizamos com maior clareza os conceitos de falante/ouvinte, lugar no qual podemos situar a teoria chomskyana, por meio do paradigma que norteia este trabalho: o interno x o externo. Para Chomsky (1995), o falante/ouvinte é ideal e está imerso em uma comunidade homogênea. Essa definição faz com que possamos localizar o falante/ouvinte chomskyano no eixo interno devido às características que destacamos da teoria, entre elas, a própria definição de falante/ouvinte, de gramática e de língua. Portanto, o sujeito psicologizado² ideal se insere no eixo que definimos como interno.

Os estudos tipológicos e a GG

Faraco (2005) chama-nos a atenção para alguns aspectos interessantes da GG e uma possível relação entre estruturalismo e gerativismo. Observamos esse movimento de retorno ao estruturalismo para mostrar pontos em comum entre as teorias linguísticas. Nesse contexto, destacamos as aproximações do estruturalismo ao gerativismo.

Segundo Faraco (2005, p.163), destaca-se a centralização da teoria da Gramática Gerativa na pessoa de seu criador, “Costuma-se designar de gerativista a forma de fazer linguística desenvolvida pelo linguista norte-americano Noam Chomsky (1927) a partir da década de 1950”. O surgimento da GG traz mudanças para as teorias linguísticas, entre elas o autor destaca a influência direta da linguística norte-americana de Bloomfield, descritiva, fundada na generalização indutiva, para uma prática científica vista como construção de modelos teórico-dedutivos. De acordo com Faraco (2005), é na preocupação com a aquisição de linguagem que podemos perceber uma das bases da teoria gerativa: o inatismo. Para os gerativistas, o inatismo é a hipótese de que existe um componente biológico (interno ao falante) que faz com que as crianças dominem mecanismos estruturais de uma língua. A hipótese inatista reforça nossa ideia de que o conceito de língua para a GG aponta para um interno, lugar oposto ao conceito de língua proposto, por exemplo, pela Sociolinguística Variacionista.

² Segundo Henry (1992, p. 117), “[...] o exterior é o social (e, para além, o meio físico), o interior é o psicológico”.

Também Lyons chama-nos a atenção para o caráter revolucionário do surgimento das ideias chomskyanas, porém afirma “Como toda revolução, esta também retoma o passado e deixa intacto muito mais do que pensam os próprios revolucionários e a maioria de seus contemporâneos” (LYONS, 1987 p. 82). Para esse autor, o gerativismo está condicionado por um contexto intelectual e social que influencia sua fundação.

Nesse movimento de aproximação das teorias linguísticas, estruturalismo/gerativismo, Faraco (2005) vê no gerativismo, após *Princípios e Parâmetros*, uma aproximação aos estudos tipológicos presentes na agenda linguística desde o século XIX. Definindo o estudo por meio das tipologias, considera que

Trabalhar com tipologias é realizar classificações das línguas humanas. Uma classificação comum em linguística é aquela que se faz por critérios de parentesco (a mal chamada classificação genética ou genealógica): adotando como base o princípio de que relações regulares sistemáticas entre formas gramaticais de línguas diferentes são decorrência do fato de terem elas um estado sincrônico anterior comum (ou, dito com a linguagem metafórica do século XIX, terem elas uma língua ancestral comum), os linguistas reúnem as línguas em famílias e subfamílias ou grupos e subgrupos (FARACO, 2005, p. 169).

De acordo com o linguista, a classificação tipológica é a possibilidade de agrupar as línguas por critérios estruturais, ou seja, por sua organização interna. Segundo Faraco, as primeiras propostas de um estudo tipológico foram feitas no século XIX por A. W. Schlegel (1767-1845) e, mais tarde, por Schleicher. Seu critério era a organização morfológica das línguas com base em uma dimensão estrutural. Schlegel falava de três tipos de línguas: as que utilizam afixos, as que utilizam flexões e as que não têm estrutura morfológica flexional ou afixal. Já Schleicher propôs tipologias divididas em línguas isolantes, aglutinantes e flexivas. A Schleicher é dado o mérito de, pela primeira vez, aliar tipologia à história, pois ele procurava não só classificar as línguas descritivamente, mas também que se vissem as histórias das línguas.

Continuando com o projeto de uma classificação tipológica, Faraco (2005) cita Sapir nas primeiras décadas do século XX e seu método que utiliza critérios morfológicos e sintáticos. Chegando à década de 60, cita o trabalho de Joseph Greenberg (1915-2001) e sua proposta de classificar as línguas em SVO, SOV, VOS, VSO, ou seja, línguas de ordem canônica sujeito-verbo-objeto, sujeito-objeto-verbo, verbo-objeto-sujeito etc. Essa proposta ecoou em trabalhos e estudos científicos contemporâneos realizados na universidade de Stanford (EUA) sob a coordenação de Greenberg e também em alguns estudos diacrônicos que têm procurado

interpretar a mudança na perspectiva tipológica. Para comprovar suas observações, Faraco (2005) cita Lehmann (1974), Vennemann (1974) e Harris (1978).

Gerativismo x Estruturalismo americano

Faraco considera que o gerativismo trouxe para a análise diacrônica um refinamento metodológico apoiado em uma teoria restritiva de gramática.

Apesar de as duas teorias se aproximarem, GG e Estruturalismo Americano, Lyons (1987) destaca algumas diferenças significativas entre o gerativismo e o estruturalismo bloomfieldiano e pós-bloomfieldiano. Segundo ele, Bloomfield e seus seguidores enfatizavam a diversidade estrutural das línguas, enquanto os gerativistas estão mais interessados no que as línguas têm em comum. Segundo Lyons (1987), o gerativismo representa uma volta à antiga tradição da gramática universal explicitada na gramática de Port-Royal de 1660. Porém, ambos os linguistas, Chomsky e Bloomfield, condenavam o método utilizado nessa gramática por considerá-lo especulativo e não científico.

De acordo com Lyons, uma das características do trabalho de Chomsky é atribuir maior importância às propriedades formais da língua e à natureza das regras exigidas para a descrição e está menos interessado pela relação entre a linguagem e o mundo. A mudança, comparando Chomsky a Bloomfield, é explicada assim:

a razão para esta mudança de ênfase é que Chomsky procura dados que sustentem a sua opinião segundo a qual a faculdade humana da linguagem é inata e específica da espécie: i.e., transmitida geneticamente e peculiar à espécie. Qualquer propriedade universal da linguagem que pode ser explicada em termos de sua utilidade funcional ou do seu reflexo da estrutura do mundo físico ou das categorias de lógica, pode ser abatida deste ponto de vista. Segundo Chomsky, existem várias propriedades formais complexas que são encontradas em todas as línguas, e que, são, no entanto, arbitrárias, no sentido de não servirem a nenhuma finalidade e de não poderem ser deduzidas de nada do que sabemos acerca dos seres humanos e do mundo em que vivem. (LYONS, 1987, p. 172).

Nessa preocupação com a descrição, segundo Lyons, identificamos uma busca ao interno da língua. O gerativismo tem como objetivo mostrar como as sentenças se formam na mente/cérebro do falante. É importante que pensemos nessa definição para localizar a GG no eixo interno/externo descrito por Henry (1992).

Buscando uma definição de gramática

Buscaremos nesta seção uma definição de gramática objetivando conhecer as concepções da GG sobre língua.

Chomsky fala da independência da gramática. Para isso busca definir o que é língua:

A partir de agora, entenderei por *língua* um conjunto (finito ou infinito) de frases, todas elas de extensão finita e construídas a partir de um conjunto de elementos. Todas as línguas naturais neste sentido, uma vez que cada língua natural possui um número finito de fonemas (ou de letras no seu alfabeto) e que cada frase pode representar-se como uma sequência finita desses fonemas (ou letras), embora o número de frases seja infinito (CHOMSKY, 1980, p. 15).

O fundador da GG também nos fala do objetivo da análise de uma língua L, que, segundo ele, é distinguir as sequências gramaticais, frases de L, das sequências agramaticais que não são frases de L. Conclui que a gramática de L é um mecanismo que gera todas as sequências gramaticais de L e nenhuma das sequências agramaticais. Oferece como forma possível de testar a gramaticalidade e agramaticalidade de uma sequência passá-la pelo crivo de um falante nativo. É ele que tem a competência para essa análise, de acordo com a aceitabilidade da sentença.

Podemos contrapor o conceito de língua da GG ao conceito extraído de Cintra e Cunha (2001) e sua *Nova Gramática do Português Brasileiro*, neste estudo considerada como representante da Gramática Tradicional (GT):

Língua é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Expressão da consciência de uma coletividade, a LÍNGUA é o meio por que ela concebe o mundo que a cerca e sobre ele age. Utilização social da faculdade da linguagem, criação da sociedade, não pode ser imutável; ao contrário, tem de viver em perpétua evolução, paralela à do organismo social que a criou (CINTRA; CUNHA, 2001, p. 1).

A definição de Chomsky foi retirada de uma de suas obras iniciais, *Estruturas Sintáticas* (1980) e não notamos, nesse momento, que haja uma preocupação com o interno/externo da língua; por outro lado, em Cunha e Cintra (2001), observamos que é o social que ampara as definições de língua e o falante/ouvinte, tido como o “organismo social” que cria a língua.

Mioto, Lopes e Silva (2000, p. 17) chamam-nos a atenção para a diferença entre GT e GG na definição que propõem para GT:

Gramática pode ser entendida, nesse sentido, como o conjunto das regras ‘do bem falar e do bem escrever’. Repare que, nesta aceção, apenas uma variedade da língua está em jogo: a norma culta ou padrão; e é esse ‘padrão’ que guiará os julgamentos do que é ‘certo’ ou ‘errado’ na língua.

Nessa definição de gramática, notamos outra vez a preocupação com o social, encontrada anteriormente na definição da GT. Para Mioto, Lopes, Silva (2000), existe uma aproximação entre o social e o que é valorado como padrão. Ainda segundo os autores, a função do linguista que faz GG é descrever acuradamente os fenômenos linguísticos e, com isso, desenvolver hipóteses que expliquem esses fenômenos.

Em Chomsky, encontramos uma definição que tenta justificar as gramáticas³:

Uma gramática da língua L é essencialmente uma teoria de L. Qualquer teoria científica se baseia num número finito de observações, procurando relacionar os fenômenos observados e prever novos fenômenos através da construção de leis gerais em termos de conceitos hipotéticos como (por exemplo, em física) os de “massa” e “elétron” (CHOMSKY, 1980, p. 54).

Para Chomsky (1980), uma das condições que uma gramática tem que satisfazer é ser finita, pois ela não é uma mera lista de todas as sequências de palavras (morfemas), já que seu número é infinito.

Raposo (1992, p. 28) ressalta o caráter computacional da Gramática:

O primeiro feixe de problemas leva ao desenvolvimento da *gramática* de uma língua particular, isto é, de um modelo que represente o sistema de conhecimentos particular do falante, capaz de explicar as suas intuições sobre a forma e a significação das expressões linguísticas, nomeadamente se são ou não admitidas pela língua (isto é, se são aceitáveis ou não).

³ Destacamos um conceito de gramática como uma teoria e daí justificamos a definição de Borges Neto (2004) e seu pensamento de que a Gramática Gerativa não é uma teoria, e sim um Programa de Investigação Científica (PIC). Para isso, apoia-se em Lakatos, sobretudo no conceito de núcleo e heurística. Em se aceitando essa definição da GG como Programa, aceitamos as definições de Mioto, Lopes e Silva (2000) e também de Raposo (1992), que consideram várias teorias formando a GG, entre elas a Teoria X-Barra, a Teoria Temática, a Teoria do Caso, a Teoria da Vinculação, entre outras. Em nosso artigo, porém, não nos aprofundaremos nessa discussão e consideraremos a GG como teoria linguística.

Para continuar a estabelecer as bases de nossas reflexões, é necessário que pensemos uma gramática internalizada, uma das bases da GG. Esta gramática é conhecida na GG como gramática universal. Mioto, Lopes e Silva (2008, p. 28) assim a definem:

Introduzimos aqui o conceito de **gramática universal** (UG, do inglês *Universal Grammar*) que é o estágio inicial de um falante que está adquirindo uma língua. A UG se constitui dos princípios e dos parâmetros, estes sem valores fixados. À medida que os parâmetros vão sendo fixados, vão se constituindo as **gramáticas das línguas**.

Enfatizando esse caráter interno da GG e reforçando a visão biológica de língua da GG, buscamos em Raposo (1992, p. 46) sua definição de Gramática Universal:

A teoria do linguista sobre o estado inicial do mecanismo de aquisição da linguagem é a *Gramática Universal* (UG), entendida como a soma dos princípios linguísticos geneticamente determinados, específicos à espécie humana e uniformes através da espécie. Podemos conceber a Gramática Universal como um **órgão biológico**, que evolui no indivíduo como qualquer outro órgão. O resultado dessa evolução é a gramática final que caracteriza os conhecimentos linguísticos do falante adulto. Nós temos de Chomsky, que a Gramática Universal é o estado inicial da faculdade da linguagem (So), e a gramática do indivíduo adulto constitui o seu estado final, firme ou estável (Ss, do Inglês 'Steady State'). (grifo nosso)

Nessa definição podemos enfatizar o caráter biologizante/psicologizante⁴/interno da teoria chomskyana⁵. É em Chomsky (1980, p. 13) que buscamos a definição de sintaxe:

A sintaxe é o estudo dos princípios e processos que presidem à construção de frases em línguas particulares. O estudo sintático de uma determinada língua tem como objetivo a construção de uma gramática, que pode ser encarada como um mecanismo de produção de frases da língua em questão.

Segundo o pai da GG, o resultado das investigações a que se propõe, ou seja, a justificativa da própria fundação da GG, é a fundação de uma teoria da estrutura linguística, em que os mecanismos descritivos utilizados em gramáticas particulares serão estudados de forma abstrata, sem referências a línguas particulares.

⁴ Extraímos o termo psicologizante de Borges Neto (2003, p. 60), que observa na linguística contemporânea três tendências de filiação a outras disciplinas, são elas: 1º) tendência sistêmica; 2º) tendência psicologizante; 3º) tendência sociologizante.

De todas as definições, fica evidente o caráter biológico/interno que aponta para um eixo interno da língua, conforme Henry (1992) observa no comportamento geral das teorias linguísticas.

Semântica x Sintaxe: interno x externo?

*A interação dessas forças concorrentes, que Wang formalizou através de regras específicas, determina não apenas a direção da mudança, como também pode interromper o seu processo de implementação, do que resultam os chamados **resíduos** das mudanças fonológicas. Isso coloca um sério problema para a visão estrutural em sua abordagem diacrônica.*

Lucchesi (2004, p. 161)

Em Chomsky (1980), encontramos o embrião de um ponto delicado da GG: a relação entre sintaxe e semântica. De acordo com o linguista:

ao propor que a estrutura sintáctica pode fornecer alguns esclarecimentos quanto aos problemas do sentido e da compreensão entramos num terreno delicado. Nenhum domínio do estudo linguístico está mais sujeito a confusões e mais necessitado de uma formulação clara e cuidadosa do que aquele que trata dos pontos de ligação entre sintaxe e semântica (CHOMSKY, 1980, p. 102).

No texto fundador *Estruturas Sintáticas*, encontramos indícios da crise⁶ entre o campo da semântica e a teoria sintática. De acordo com o fundador da GG, muitos esforços estavam sendo feitos para responder à pergunta de como seria possível construir uma gramática sem apelar para o sentido, porém a questão para Chomsky é: “Como é possível construir uma gramática?”. Aí está a síntese de seu Programa de Investigação Científica. O linguista é claro em afirmar:

não tenho conhecimento de qualquer tentativa, pormenorizada, de desenvolvimento da estrutura gramatical em termos parcialmente semânticos ou de qualquer proposta, específica e rigorosa, de utilização de informação semântica na construção ou avaliação de gramáticas (CHOMSKY, 1980, p. 102).

Refutando questionamentos de alguns semanticistas gerativistas, Chomsky fala da inadequação das sugestões sobre a utilização do sentido na análise gramatical. Para ele, os termos usados nesse tipo de análise são vagos e acabam causando confusão entre “intuição da

⁶ O impasse se dá entre Chomsky e alguns semanticistas gerativistas liderados por Katz e Fodor.

forma” e “intuição do sentido”, dois termos que só têm em comum o fato de serem indesejados em sua teoria linguística.

Chomsky (1980, p. 103) cita os argumentos mais frequentes invocados a favor da dependência da gramática em relação ao sentido:

- (a) dois enunciados são fonologicamente distintos se, e só se, diferirem quanto ao sentido;
- (b) os morfemas são os elementos mínimos dotados de sentido;
- (c) as frases gramaticais são as que têm significado semântico;
- (d) a relação gramatical sujeito-verbo (isto é, SN – SV como uma análise de Frase) corresponde ao ‘sentido estrutural’ geral actor-acção;
- (e) a relação gramatical verbo-objecto (isto é, Verbo – SN, como uma análise de SV) corresponde ao sentido estrutural acção-objectivo ou acção-objecto da acção;
- (f) uma frase activa e a sua correspondente passiva são sinônimas.

Borges Neto (2004) considera que é a partir de 1965 que começaram a aparecer as primeiras críticas ao trabalho de Chomsky. Nessa época, o principal ponto de conflito era o grau de abstração das estruturas linguísticas subjacentes. Discutia-se, então, a distância entre as estruturas profundas e as estruturas superficiais e a distância entre as estruturas profundas e as representações semânticas. Encontramos, neste momento, consonância com o movimento de circularidade observado por Henry (1992), segundo o qual as teorias linguísticas oscilam entre dois polos: ora tendem a se preocupar com o interno, ora com externo da língua.

Os pensadores dissidentes propunham que se distanciasse mais a estrutura profunda (interna) da estrutura superficial (externa) e que se aproximasse a estrutura profunda das representações semânticas.

Segundo Borges Neto (2004), esses gerativistas foram chamados de abstracionistas e, por um período, permaneceram fiéis à Teoria Padrão, fazendo com que seus trabalhos fossem aceitos pelos outros gerativistas. Com o avanço dos estudos abstracionistas, o modelo proposto por Chomsky foi deturpado, restando uma noção de estrutura profunda (EP) completamente diferente do que havia sido a princípio concebido por seu criador. Tentando reunir suas ideias, os abstracionistas fundaram o que ficou conhecido como Semântica Gerativa.

Inconformado com o movimento abstracionista, o mentor da GG, reformulou suas ideias lançando mão de uma nova proposta:

A reação de Chomsky não se faz esperar e, em 1967, ele propõe algumas alterações na teoria-padrão para impedir a abstração desenfreada. A reação chomskiana tem algumas consequências. Em primeiro lugar, o rompimento com os ‘abstracionistas’ torna-se inevitável, e surge um primeiro grupo de linguistas

‘criados’ no interior do programa da GG que se lançam à tarefa de construção de novos programas de investigação. Em segundo lugar, um novo modelo de análise linguística é estabelecido. Este novo modelo ficou conhecido como *teoria-padrão estendida* (TPE) (BORGES NETO, 2004, p. 114).

Em seguida, passaremos a acompanhar o trajeto da GG, da publicação de SS até *Princípios & Parâmetros*.

A fundação da GG: *The Logical Structure of Linguistic Theory* e *Syntactic Structures*

Passaremos a uma exposição da GG, no sentido de oferecer um panorama histórico dessa teoria para que possamos melhor entender alguns conceitos e definições de três fases: de *Syntactic structures* a *Princípio & Parâmetros*.

Borges Neto (2004) considera que foi em 1957 que ocorreu a fundação da GG, com a publicação de *Syntactic structures* (SS), antes disso, porém, destaca a publicação, em 1950, do *The logical structure of linguistic theory* (LSLT), compilação da dissertação de mestrado e tese de doutorado de Noam Chomsky, fundador da GG, tendo sido LSLT publicada tardiamente, em 1975, quase vinte anos após a fundação da GG.

Citando Chomsky, Borges Neto informa: “Chegamos, então, a 1957 e a *Syntactic Structures*. Este livro reúne notas de um curso que Chomsky ministrava no MIT e, segundo o próprio Chomsky, não reflete com justeza seu pensamento linguístico da época” (BORGES NETO, 2004, p. 98).

Ainda de acordo com o autor, somente após uma resenha publicada pelo linguista Robert Lees é que as ideias chomskyanas passaram a ter credibilidade no meio científico da época.

Usando o método contrastivo, Borges Neto (2004) propõe comparar as propostas da GG com o estruturalismo americano, linguística dominante na época da publicação do SS. De acordo com o autor, nessa primeira fase da proposta de Chomsky, encontramos uma forma sofisticada de gramática de constituintes imediatos, acrescida de um componente transformacional.

Sobre a SS, Chomsky (1980, p. 9) informa:

este estudo trata da estrutura sintáctica, tanto no sentido lato (em que se opõe à semântica), como sentido estrito (em que se opõe à fonologia e à morfologia). Constitui parte de uma tentativa de construção de uma teoria geral, formalizada, da estrutura linguística, e de exploração dos fundamentos de uma tal teoria.

Segundo Borges Neto (2004), o modelo sugerido por Chomsky apresenta dois componentes principais: um que forma expressões, versão da gramática gerativa de constituintes proposta, entre outros, por Rulon Wells (1947), e um que transforma expressões, apoiando-se na noção de “transformação” de Zellig Harris. Além desses dois componentes, há um terceiro, denominado morfofonêmico, que atribui leituras fonológicas ao *output* do componente transformacional.

Uma noção importante, de acordo com Borges Neto (2004), extraída de LSLT é a de nível linguístico:

a língua é um sistema extremamente complexo. A teoria linguística tenta reduzir esta imensa complexidade a proporções controláveis pela construção de um sistema de *níveis linguísticos*, cada um dos quais possuindo um certo aparato descritivo para a caracterização da estrutura linguística. Uma gramática reconstrói a complexidade total da língua em etapas, distinguindo a contribuição de cada nível linguístico. (CHOMSKY, 1955, p. 63, apud BORGES NETO, 2004, p. 101).

Ainda segundo Borges Neto (2004), para Chomsky de LSLT, um nível linguístico é um sistema L em que se constroem representações unidimensionais dos enunciados. É como se cada nível apresentasse um alfabeto, fixo e finito, de elementos primitivos.

Com o propósito de diferenciar a noção de transformação de Harris e Chomsky, discorre Borges Neto (2004, p. 106):

a noção de transformação de Harris repousa na noção de *forma sentencial*. Harris chega a esta noção pela definição de variáveis que têm por domínio classes de palavras (a variável N tem por domínio a classe dos nomes, por exemplo). A partir daí, podem-se definir *sequência de variáveis bem formadas*. Essas sequências de variáveis bem formadas são chamadas, por Harris, de *formas sentenciais*.

Essa noção de transformação é retomada e criticada por Tarallo (1986). O autor afirma ser preciso uma postura transformacional para que a polêmica empirismo x racionalismo seja abrandada: “A razão disso, reflete o historiador, talvez resida na obsessão do transformacionalista de não se transformar: uma grande ironia e um forte não-camaleão!” (TARALLO, 1986, p. 132). Apesar de o uso do termo transformação ser abordado de maneira distinta pelo fundador da Sociolinguística Paramétrica, achamos interessante destacá-lo, pois vemos neste momento um ideal de complementaridade. Nesse caso, podemos afirmar que as

noções de Tarallo para os termos transformacional e parâmetros são diferentes das de Chomsky. As do primeiro tentam justificar a fundação da Sociolinguística Paramétrica.

Em tempos de *Aspects*: A teoria padrão.

Borges Neto (2004) destaca o embate acontecido entre GG e Estruturalismo Americano (EA) durante a primeira década de desenvolvimento das ideias de Chomsky. Sobre esse período, explica:

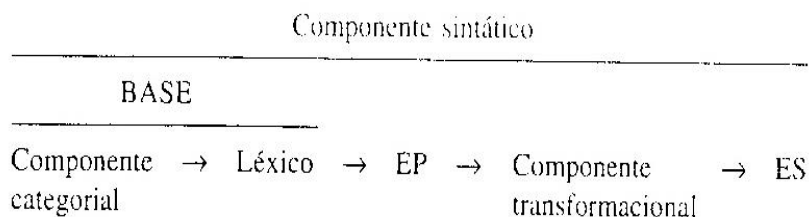
a teoria de SS vai tendo seus pressupostos explicitados e alguns de seus mecanismos teóricos alterados ou substituídos para que se consiga, em melhores condições, a realização da tarefa que a teoria se impunha, ou seja, a descrição do sistema computacional capaz de definir, gerativamente, as línguas naturais (BORGES NETO, 2004, p. 110).

Aspects of the theory of syntax, publicado em 1965, surge como síntese das mudanças que se processaram na primeira versão da teoria, o *Syntactic Structures*. Neste livro, encontramos uma nova configuração para a Gramática Gerativa. Esse novo modelo ficou conhecido como Teoria-Padrão, doravante TP.

Ainda sobre o embate das duas teorias, GG de um lado e EA de outro, Lyons (1987, p. 170) complementa “O gerativismo é normalmente apresentado como tendo se desenvolvido da, ou como reação à escola anteriormente dominante do descritivismo americano pós-bloomfieldiano: uma versão particular do estruturalismo”.

De acordo com Borges Neto (2003), na TP a forma da gramática tem três componentes maiores: um componente sintático, que é gerativo, e dois componentes interpretativos, o componente semântico e o componente fonológico. O processo de geração de sentenças se inicia no componente sintático que tem a seguinte estrutura: um subcomponente de base (BASE), que gera as estruturas profundas (EP) e um componente transformacional, que converte as EPs em estruturas superficiais (ES). A estrutura a seguir propõe uma visualização do modelo:

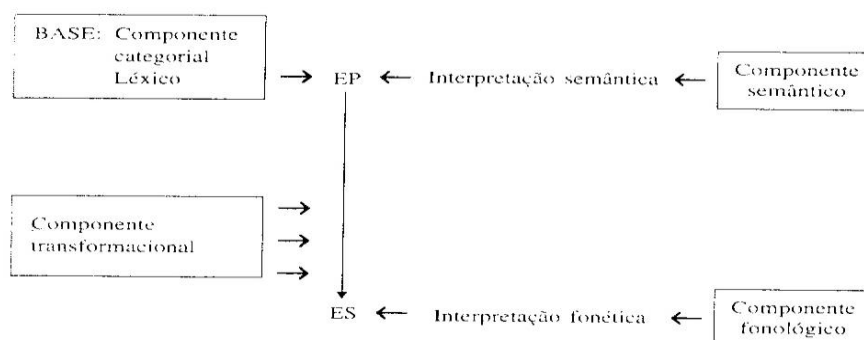
Figura 1



Fonte: Borges Neto (2004, p. 112).

Descrevendo melhor o modelo, Borges Neto propõe a Figura 2, em que observamos o componente semântico associando interpretações semânticas às EPs, e o componente fonológico associando interpretações fonéticas às ESs.

Figura 2



Fonte: Borges Neto (2004, p. 112).

Com base em Borges Neto (2004), vimos que esse modelo foi modificado pelo próprio Chomsky como resposta à Semântica Gerativa. O novo modelo ficou conhecido como teoria padrão estendida (TPE). Não se trata de uma nova teoria. É a velha somada com novas teorias, sendo que a mais importante é a teoria X-barrá. Ocorre também uma mudança de como o léxico é visto, e muitos fenômenos que eram tratados via transformações passaram a ser tratados com base em relações lexicais.

Entre superficial e profundo, encontra-se uma nova dicotomia que pode ser comparada ao interno/externo; o profundo está para o interno e o superficial para o externo.

Se consideramos a fundação de uma teoria uma operação, retomamos Henry (1992, p. 110), que afirma “Na prática, há sempre um **resíduo** [...]” (grifo nosso). As discussões sobre

estrutura profunda e superficial trazem à tona esse resíduo que acaba por promover um cisma no âmbito da GG.

Em *Aspects* se depreende um conceito importante para nosso estudo, a definição de falante para Chomsky, que acaba por encaixar essa teoria no eixo interno/externo, conforme Henry (1992), localizando-se no eixo interno a definição de falante/ouvinte para a GG.

O falante/ouvinte para a GG

Com o surgimento da Sociolinguística Variacionista, vemos que a definição de falante/ouvinte ideal é usada por Weinreich, Herzog e Labov (2006) para refutar pressupostos da GG. Na definição de Chomsky (1978, p. 83), encontramos:

a teoria linguística tem antes de mais como objecto um falante-ouvinte ideal, situado numa comunidade linguística completamente homogênea, que conhece a sua língua perfeitamente, e que, ao aplicar o seu conhecimento da língua numa performance efectiva, **não é afectado por condições gramaticalmente irrelevantes tais como limitações de memória, distrações, desvios de atenção e de interesse, e erros (casuais e característicos)**. (grifo nosso)

Aliado às características desse falante, Faraco (2005) fala da hipótese fortemente inatista adotada pela GG. Por exemplo, com relação à mudança estrutural, o autor considera que ela está condicionada pela configuração biológica do cérebro desse falante. Sobre essa característica, explica:

Esse biologismo acaba desembocando, por consequência lógica, numa proposta teórica algo paradoxal: para ela há, nas línguas, mudanças, mas não propriamente história (cf. Lightfoot, 1981), já que todas as mudanças estruturais possíveis estão *a priori* definidas pela forma do cérebro, sobrando pouco ou quase nenhum espaço para as contingências da vida social e histórica dos falantes concretos. À teoria geral da gramática cabe apenas explicitar essas mudanças autorizada pelo cérebro (FARACO, 2005, p. 175).

O biologismo presente na GG é um dos fatores que a diferenciam da Sociolinguística Variacionista. Como veremos na próxima seção, a Sociolinguística Variacionista está sustentada por uma forte ligação com o social, conforme Henry (1992, p. 114): “Segundo as teorias, a ênfase é posta seja sobre o psicológico, seja sobre o **social**” (grifo nosso). A GG, por outro lado, liga-se ao psicológico/biológico. Nesse aspecto é que propomos uma relação entre o psicológico/biológico/interno e o social/externo.

Princípios e parâmetros

Borges Neto (2004) ressalta que *Princípios & parâmetros*, doravante P&P, surge em um momento em que o Programa Gerativista se viu na necessidade de restringir o poder descritivo da gramática para aumentar seu poder explicativo.

Sobre esse período, Chomsky (1995, p. 51) esclarece:

A teoria dos Princípios e Parâmetros (P&P) não é um sistema teórico articulado de modo preciso, mas sim uma abordagem particular de problemas clássicos do estudo da linguagem, guiada por determinadas ideias-chave que vêm tomando forma desde as origens da gramática generativa moderna, há cerca de 40 anos.

Seguindo Borges Neto (2004) e sua visão desse período da GG, detemo-nos em sua explanação sobre a necessidade de uma teoria ser metodologicamente adequada quando reproduz o comportamento de uma criança que adquire linguagem. O linguista propõe que, para atingir uma adequação descritiva para todas as línguas naturais, é necessário existir mecanismos teóricos suficientemente ricos e variados para cobrir toda diversidade das línguas naturais. A palavra de ordem, de acordo com ele, é explicar, e não só descrever. Ressalta que, a partir desse momento, ou seja, após P&P, a tarefa de propor condições restritivas sobre o funcionamento das regras passa a ser a prioridade do programa. O foco de atenção deixa de ser a adequação descritiva e passa a ser a adequação explicativa.

No modelo P&P, a teoria parece estar mais preocupada com explicações individualistas de diversas línguas. É o que Tarallo (1989) fala sobre variação intra- e inter-linguística. Sobre esse ponto, Raposo (1999, p. 16) informa:

recordemos a arquitetura da linguagem proposta no modelo teórico P&P. A investigação linguística é individualista: pretende-se estudar os aspectos da mente do Manuel, da Maria, da Alexandra, da Clara (ou do Yuri, do Sven, do Jones, do Wang,...) que têm a ver com a sua compreensão e uso da linguagem; **e não objectos ‘externos’ altamente abstractos e de natureza sociológica, como o ‘português’, o ‘inglês’, o ‘chinês’, o ‘russo’ ou o ‘islandês’, objectos que, para além disso, têm um estatuto ontológico duvidoso.** (grifo nosso)

Observamos que Raposo define bem o objeto de estudo em P&P, localizando-o no eixo interno, afastando-o de qualquer preocupação com o externo.

Mioto, Lopes e Silva (2000) destacam o caráter biológico do modelo gerativista ao postularem que o homem possui em seus genes uma faculdade da linguagem, alocada no cérebro humano, que, de certa forma, distingue os homens de outros seres. Considerando essa hipótese, os autores continuam falando sobre as especificidades dos órgãos/partes do corpo humano que desempenham diferentes funções no controle das atividades humanas. A parte responsável pela linguagem desempenha atividades relacionadas à língua e tem diferentes especificidades. Eles afirmam que a faculdade da linguagem não é parte da inteligência como um todo, mas é específica para lidar com as línguas naturais.

Ampliando tal hipótese, consideram que, nessa parte responsável pela linguagem, há módulos responsáveis por diferentes funções relacionadas à linguagem, que, por exemplo, haveria um módulo responsável pela estruturação das sentenças das línguas.

Desenvolvendo seu modelo, afirmam que poderíamos ser levados a crer que as línguas do mundo são idênticas, já que o código genético é o mesmo para todos os seres humanos. Porém, informam que há diferenças entre as línguas. Por exemplo, o chinês é diferente do português em vários aspectos, fonéticos, semânticos e sintáticos. Sobre a hipótese que explica a diferença entre as línguas, explanam os autores:

nosso modelo tem uma solução para este aparente paradoxo articulada a partir de duas noções: Princípios e Parâmetros. A faculdade da linguagem é composta por princípios que são leis gerais válidas para todas as línguas naturais; e parâmetros que são propriedades que uma língua pode ou não exibir e que são responsáveis pela diferença entre as línguas. Uma sentença que viola um princípio não é tolerada em nenhuma língua natural; uma sentença que não atende a uma propriedade paramétrica pode ser gramatical em uma língua e agramatical em outra (MIOTO; LOPES; SILVA, 2000, p. 26).

Como observamos em P&P, a linguística gerativa abandona o velho modelo de regras específicas e passa um modelo de princípios que tenta justificar representações gramaticais.

Destacamos que a noção de parâmetro é diferente para Chomsky e para Tarallo. Se para o primeiro os parâmetros estão relacionados às propriedades de uma língua, para o segundo o termo parâmetro está relacionado à junção de duas teorias formando uma terceira, a Sociolinguística Paramétrica. Sobre a fundação da Sociolinguística Paramétrica, Tarallo (1984, p. 55) destaca: “Tal complementaridade não tem ‘parâmetros’ (= sentido!)”; “Tal proposta está fora de ‘parâmetro’ (= fora de órbita; fora de cogitação)!, alguns poderiam reagir”. Portanto, o sentido de parâmetro para Tarallo está também ligado ao parametrizar, melhor dizendo, à possibilidade de utilizar duas teorias para fundar uma outra: a Sociolinguística Paramétrica.

Considerações finais

Neste artigo, fizemos uma incursão pela GG, a partir da qual pudemos destacar três momentos históricos importantes, conforme Borges Neto (2004): 1) *Syntactic Structures*, 2) *Aspects of the theory of syntax* e a Teoria-Padrão e 3) a fundação da Teoria de Princípios e Parâmetros.

Antes, porém, apoiados em Faraco (2005), buscamos destacar certa aproximação entre GG e Estruturalismo, evidenciada por uma preocupação com estudos diacrônicos representados pelas tipologias. Sobre os estudos tipológicos, informamos que ainda não esgotamos esse tema e o retomaremos futuramente.

Em cada momento da GG, salientamos a dicotomia interno/externo. No primeiro momento, encontramos indícios de um impasse semântica x sintaxe. Em *Aspects*, buscamos a clássica definição chomskyana de falante/ouvinte ideal, e em P&P, o conceito da dicotomia princípios/parâmetros.

Concluimos, com nosso estudo, que a GG possui características que a localizam no polo interno de um eixo, conforme observado por Henry (1992). Interno que ora é representado pela própria definição de falante, ora pela homogeneidade, ora pelo forte biologismo/psicologismo presente nos momentos destacados da GG.

Referências

BORGES NETO, J. O empreendimento gerativo. In: MUSSALIM, F.; BENTES A. C. (Org.) **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004. v. 3.

_____. **Ensaio de filosofia da linguística**. São Paulo: Parábola, 2003.

CHOMSKY, N. **O programa minimalista**. Lisboa: Caminho, 1995.

_____. **Estruturas sintáticas**. Lisboa: Edições 70, 1980.

_____. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Coimbra: Armênio Amado, 1978.

CUNHA, C. & CINTRA, L.F.L: **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.

HENRY, Paul. **A ferramenta imperfeita. Língua, sujeito e discurso.** Campinas: Unicamp, 1992.

LUCCHESI, D. **Sistema, mudança e linguagem** – um percurso na história da linguística moderna. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2004. v. 1.

LYONS, J. **Linguagem e linguística:** uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. **Manual de sintaxe.** Florianópolis: Insular, 2000.

TARALLO, F. Zelig: um camaleão-linguista. **D.E.L.T.A.**, v. 1, n. 2, p. 127-144, 1986.
_____. A fênix finalmente renascida. **Boletim da Abralín**, n. 6, p. 95- 103, 1984.

WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** São Paulo: Parábola, 2006.

LA GRAMÁTICA GENERATIVA Y EL INTERNO DE LA LENGUA

Este trabajo pretende reflectir sobre la fundación de la Gramática Generativa, por delante GG, por medio de la perspectiva polarizada citada por Henry (1992). Definimos tres momentos por donde pasaremos, son ellos: el lanzamiento de *Syntactic structures*, de *Aspects of theory of syntax* y la Teoría-Padrón y la fundación de la Teoría de Principios y Parámetros, por delante P&P. Iniciamos pensando en la posible relación existente entre el estructuralismo y el generativismo, y, principalmente, estableciendo un lugar en un eje que va del interno al externo. Pudimos concluir que la GG posee características que la localizan en el polo interno de un eje. Interno que ora está representado por la propia definición del hablante, ora por la homogeneidad, y ora por el forte biologismo/psicologismo presentes en los momentos destacados por la GG.

Palabras-clave: Gramática generativa. Filosofía de la linguística. Interno de la lengua.

Envio: junho/2019

Aceito para publicação: dezembro/2019